

"Relações EUA-Rússia: Os Anos Recentes"

Pedro Sousa*

1. Introdução

Os EUA têm tido relações com a Rússia, que se podem considerar, positivas, desde o fim da União Soviética, e a cooperação tem trazido alguns benefícios não só a Washington e Moscovo, mas também ao resto do Mundo, principalmente no que se refere ao controlo dos armamentos nucleares e na troca de informações na luta contra o terrorismo global. No entanto, nos últimos anos, a política externa de Putin tem causado alguns problemas com os EUA. Para os americanos, é preferível uma boa relação com a Rússia, tendo em conta a situação com o Irão, as armas de destruição massiva, o terrorismo global, a questão energética, as mudanças climáticas, o tráfico humano, e o narcotráfico. A Rússia tem gozado um período razoável de expansão económica, mas ao mesmo tempo, existe um receio de falta de democracia no país, o que levanta algumas questões no relacionamento de Washington com Moscovo. Desde que o Presidente Vladimir Putin tomou cargo em Maio de 2000 que as relações entre a Rússia e os EUA têm vindo a mudar. Hoje em dia, e tendo em conta o período da Guerra-fria, pode-se dizer que há alguns produtos positivos da relação EUA-Rússia como os programas de cooperação para aumentar a segurança da tecnologia nuclear para que esta não vá parar nas mãos erradas, e o aumento do comércio entre os dois países que contribui para a, muito necessitada, modernização da Rússia. Mas, também é necessário referir o aumento de desacordos entre os dois países, fazendo parecer que a cooperação é a excepção e não a norma. Num período em que o Presidente dos EUA, George W. Bush, se proclama como defensor da democracia e a torna prioridade para a sua política externa, por seu lado, o sistema político da Rússia tem vindo a tornar-se cada vez mais autoritário, havendo falta de pluralidade política e uma crescente centralização do poder. Acrescente-se o uso da questão energética como arma política russa. Sendo um país com vastos recursos naturais para a criação de energia, Moscovo tem usado a

ameaça de cortes de fornecimento desses recursos para negociar com o resto da Europa. A Rússia tem pressionado os países vizinhos tentando obter um maior poder de influência nesses estados mais "fracos", daí que os EUA tentem apressar o processo de "ocidentalização" desses países que surgiram com o fim da União Soviética: "In the name of peacekeeping in places such as Abkhazia, South Ossetia, and Trans-Dniestria (restive regions within former Soviet republics), Russia has sought to reestablish its tutelage, and the West has largely not objected. The West has done little to enable the Soviet Union's successor states -- with the exception of the Baltic nations of Estonia, Latvia, and Lithuania -- to achieve viable international standing. The activities of Russian troops in Belarus, Georgia, Moldova, Ukraine, and the former Soviet states of Central Asia are rarely questioned, let alone challenged. Moscow is treated as the de facto imperial center -- which is also how it conceives of itself."(Tymoshenko, 2007).

Outro ponto de potencial discussão é o método a usar na luta contra o terrorismo, já que Putin interage com líderes como o Presidente do Irão, Ahmadinejad, considerados "perigosos" pelos americanos. Com desentendimentos como a questão iraniana exemplifica, as relações entre EUA e Rússia podem não estar no caminho certo. A actual política norte-americana tenta capitalizar os pontos de concórdia com Moscovo, e abafar os pontos de discórdia, mas a acumulação destes desentendimentos pode levar a uma crise nas relações bilaterais do futuro. O futuro da cooperação das duas nações está nas mãos dos seus líderes.

2. A Rússia actual

A Rússia, desde o fim da União Soviética, está num processo de transição e reorganização. As mudanças estão a ser levadas a cabo de acordo com o que Vladimir Putin estabelece e para alguns economistas e empresários, isto é sinal positivo para a atracção de investimento estrangeiro. A sociedade russa está, lentamente, a tornar-se mais moderna, mas ao mesmo tempo, a centralização do poder e falta de pluralidade política está a fazer regredir a Rússia no aspecto democrático. O forte crescimento económico russo, segundo os analistas, deve-se aos altos

preços do petróleo e outras exportações, nomeadamente, gás natural. A Rússia é o maior produtor e exportador mundial de gás natural e a *Gazprom*, a maior empresa de gás natural do mundo, possui o monopólio do sector do gás russo, controla 95% das reservas de gás natural e produz 86%. O Estado detém 51% do capital da *Gazprom* e a venda do gás natural constitui cerca de um quarto das receitas do orçamento do Estado. Também, não há dúvida que a venda de petróleo ofereceu uma enorme injeção de liquidez para a economia russa, e não só o preço do petróleo está a aumentar, mas também a produção diária de barris deste bem também aumentou bastante. Daí que os superávits consecutivos no Orçamento de Estado da Rússia nos recentes anos, não são surpresa. Esta nova riqueza, dá espaço de manobra ao governo russo para aumentar os gastos nas despesas sociais como salários, educação, saúde, habitação e ao mesmo tempo, amortizar a dívida externa do país, em milhões de euros. Há quem defenda que o recente crescimento robusto da Rússia é precário, já que, é baseado em preços altos de petróleo, e não numa base sustentável. Esta falta de diversificação económica deixa a Rússia vulnerável a qualquer abrandamento no mundo do petróleo e nos preços dos bens.

A Rússia está a mudar, e com isso, a imagem de um país fragilizado do final do século XX está a desaparecer. Esta transformação está a ser acompanhada pela integração da Rússia nos mercados internacionais. O Investimento Directo Estrangeiro anual na Rússia está a atingir valores semelhantes ao IDE de toda a década de 90 e o mercado de acções está a obter excelentes performances. As empresas russas estão em expansão e a investirem fortemente em vários mercados no globo e várias acções de empresas russas estão a entrar nos mercados de acções de Nova Iorque e Londres. Os princípios de gestão e estratégia das empresas do Ocidente estão a ser adoptados na Rússia e tal tem resultado num aumento da produtividade dos trabalhadores. A população russa, que espera resultados reais do crescimento económico, tem assistido a melhorias do seu nível de vida, como, por exemplo, a redução do número de pessoas a viver abaixo do nível de pobreza, e a descida da taxa de desemprego. De tal maneira, isto é significativo, que parece estar a emergir uma classe média russa, com habitação própria, pequenos negócios em crescimento, padrões mais

altos qualificados, com mais possibilidades de viajar e com novas expectativas. O consumo privado russo tem aumentado e, o aumento de zonas de grande comércio e venda de automóveis é sintomático. Apesar destas melhorias, ainda há pontos negativos como o fraco sistema de saúde russo, a esperança média de vida é muito baixa comparada com os padrões ocidentais, o problema de segurança relacionada com a Máfia Russa, e o fenómeno da xenofobia tem crescido e causado preocupação para a sociedade russa. Problemas com o sistema de saúde russo precário, os crescentes números do alcoolismo, e a epidemia do vírus HIV, têm vindo a contribuir para a diminuição da população russa.

O governo de Moscovo já afirmou que o crescimento económico a que se tem assistido nos últimos anos será o apoio para a transformação económico-social da Rússia e que não tem quaisquer intenções em voltar aos métodos falhados do sistema soviético. Putin desfruta de uma grande popularidade na sociedade russa, e tal facto, tem-lhe dado enorme poder para orientar o país, numa fase de criação de novas instituições e liberalização económica. A maioria dos cidadãos russos estão contentes com um líder que inspira confiança e que mostra resultados. Mas, nos últimos anos, a preocupação com a situação política da Rússia tem aumentado: menor transparência nas instituições públicas, menor pluralismo, indícios de corrupção política crescente, e restrições aos críticos que desejam fazer uma contra argumentação sobre as medidas do governo russo. A oposição política e os meios de comunicação independentes têm sido alvos de censura, levando à falta de liberdade de expressão conduzidas pelas autoridades públicas: "Yet, for every step forward that Russia has taken over the course of Putin's second term, it has taken a step backward. Greater state control of the economy -- especially in the energy industry, where, according to the Organization for Economic Cooperation and Development (OECD), the state's share of oil production has doubled in three years -- has bred corruption and inefficiency. Serious political opposition has been muzzled. Newspapers and television and radio stations have been shut down or taken over by the government and its allies. Kremlin cronies have replaced elected regional governors, and Russia's parliament, the Duma, has been emasculated as part of the Kremlin's drive

to monopolize all state power.”(Tymoshenko, 2007). Este afastamento de princípios democráticos está a criar distanciamento em relação às normas da Europa moderna. Corrupção na Rússia vai desde pagamentos ilícitos para alterar uma política pública a pagamentos forçados de pequenos negócios e indivíduos. O sector energético russo é controlado maioritariamente pelo Kremlin. Isto significa que as políticas administrativas têm consequência imediata na produção de energia, nas decisões de atribuição de licenças, e na direcção dos oleodutos, por exemplo. Esta nacionalização da energia deixa a Rússia refém de, ou segura nas mãos de (depende de da perspectiva), Putin e das suas ideias. A luta pelo poder e influência no jogo político da Rússia está ao rubro pela obtenção de lugares de topo. Quem se torna num oficial no governo de Moscovo está a tornar-se, também, participante em algumas das maiores empresas do globo, devido à enorme riqueza de recursos naturais, que estão sob controlo do Kremlin. O abuso de poder tem sido algo denunciado regularmente nos últimos anos e a todos os níveis, entre ramos de governo, centro e periferia, entre governo e sociedade civil, entre decisores políticos e os donos de vastos recursos económicos. A oposição ao governo tem sido restringida através de várias medidas como o aumento do limite mínimo de percentagem de votos para participar no parlamento russo, a Duma, que actualmente é controlada pelo partido de Putin. Esta mudança, entre outras, garante que o actual partido governante não tem uma oposição capaz. As próprias ONG’s russas são restringidas na sua acção e na obtenção de recursos do exterior por leis definidas pelo Kremlin. Os principais meios de comunicação também caíram nas mãos do Estado, antecipando assim qualquer divulgação de ideias de oposição à actual liderança. Apesar disto, através de novas tecnologias, os meios de comunicação independentes conseguem existir, mas, ainda assim, monitorizados para que não se tornem numa fonte alternativa de notícias relevante e numa plataforma para a campanha de oposição Os altos níveis de corrupção, as instituições ineficazes, e a centralização do poder revelam que a noção de democracia na Rússia está enfraquecida. Resta saber como irá evoluir a política russa, com Medvedev, sucessor “nomeado” por Putin.

3. EUA-Rússia

Desde o fim da Guerra-Fria que os EUA tentam definir um novo tipo de relação com a Rússia, o mais importante estado pós-soviético. Apesar de não ser considerada uma ameaça como antigamente, a política externa americana tem dado elevada atenção ao rumo e evolução da Rússia. Os dois países empenharam-se em estabelecer uma boa relação bilateral, tentando ultrapassar as diferenças ideológicas que ajudaram a criar o conflito entre o império soviético e os EUA, e criar bases de interesses nacionais compatíveis. Os EUA promoveram o debate, o comércio e a inserção da Rússia no contexto internacional para que assim o desenvolvimento da Rússia estivesse orientado para uma dinâmica cooperativa, evitando, um novo distanciamento entre os dois países. Porventura, Washington subvalorizou a Rússia na década de 90: "The Clinton administration in particular appeared to view Russia like post-war Germany or Japan -- as a country that could be forced to follow U.S. policies and would eventually learn to like them. They seemed to forget that Russia had not been occupied by U.S. soldiers or devastated by atomic bombs. Russia was transformed, not defeated. This profoundly shaped its responses to the United States."(Simes, 2007).

A relação EUA-Rússia esteve no seu melhor ponto, no período imediato que se seguiu ao ataque terrorista nos EUA no dia 11 de Setembro de 2001, com George W. Bush presidente americano e Vladimir Putin como presidente russo. Os eventos de "11 de Setembro" mudaram dramaticamente a atitude de Washington em relação a Moscovo, e forneceram um grande apoio emocional para os EUA na Rússia. Por esta altura, os EUA estavam menos preocupados com a evolução interna da Rússia, e mais preocupados em receber a ajuda de Moscovo, ou, pelo menos, evitar a sua obstrução, nas questões internacionais prioritárias para Washington, como a luta contra o terrorismo. Putin reafirmou o seu apoio contra a Al-Qaeda e os Taliban, concedeu direitos de passagem de aviões americanos no território russo, e concedeu bases aos EUA na Ásia Central. Claro que Putin tinha em mente os interesses próprios da Rússia, considerando que os EUA iriam ajudar a Rússia na sua luta pessoal com o

terrorismo islamista. Tal com outras alianças, a cooperação entre russos e americanos no contra-terrorismo existe devido a interesses partilhados, e não, devido a uma ideologia comum ou amizade. Foram circunstâncias favoráveis para a construção de uma parceria, que se visionava, forte e duradoura, sendo que, a Rússia juntou-se aos EUA no esforço para lidar com o terrorismo transnacional, uma nova ameaça muito real e prioritária na agenda dos governos. O terrorismo passou a fazer parte dos assuntos prioritários de Putin e Bush, que contemplavam também, a proliferação nuclear e a questão energética. O próprio governo de Washington trabalhava activamente para que Moscovo entrasse na luta contra as ameaças globais, o que é bastante significativo, tendo em conta o passado. Todos os outros possíveis pontos de fricção entre os dois países eram ultrapassados ou “esquecidos” por alguns tempos para que a cooperação continuasse forte. Putin demonstrou, naquela época emocional para o sistema internacional, um compromisso com o Ocidente que foi bem visto pelos principais líderes europeus e norte-americanos. O efeito de aproximação que o “11 de Setembro” provocou entre Moscovo e Washington, foi notório, de facto, e Putin ficou com a reputação de líder que pretendia modernizar realmente o seu país. O período de forte cooperação foi benéfico para a campanha dos EUA no Afeganistão, já que, a Rússia partilhou informações dos seus serviços de *intelligence* muito úteis para os estratégias militares americanos. A Rússia colaborou com os EUA na questão da não-proliferação nuclear e armas de destruição massivas, entrando em contactos diplomáticos com a Coreia do Norte, dando importância ao sector da segurança global.

Mas o período de boas relações entre os EUA e a Rússia embateu num grande obstáculo chamado Iraque. Os EUA passaram grande parte do ano de 2002 e início de 2003 a preparar a justificação para a guerra contra o regime de Saddam Hussein. Mas a Rússia juntou-se a França e Alemanha, opondo-se a uma intervenção militar no Iraque. Em Junho de 2002, Bush anunciou a retirada dos EUA do Tratado de Mísseis Antibalísticos, um tratado assinado em 1972 entre os EUA e a União Soviética, com o objectivo de limitar o número de sistemas de defesa contra ataques de mísseis com armas nucleares. Bush defendeu que, como responsável pela

segurança dos americanos, não poderia continuar a respeitar um acordo que impede a protecção eficaz dos EUA de possíveis ataques da Coreia do Norte, por exemplo, e que EUA e a Rússia tinham, em 2002, uma relação muito mais pacífica que a existente na época da assinatura do tratado. Actualmente, as relações EUA-Rússia, já não estão no bom momento vivido depois do ataque terrorista aos EUA. No passado recente, as relações têm vindo a deteriorar-se, com a Rússia a ter uma actuação próxima dum realismo categórico, devido ao poder que o crescimento económico e as reservas de gás e petróleo lhe conferem. Os EUA enfrentam, actualmente, ameaças da Al-Qaeda e Irão, instabilidade no Iraque e Afeganistão, e portanto, não precisam de novos inimigos. No entanto, a relação com a Rússia tem piorado nos últimos tempos, o que não é positivo para alguns interesses de Washington. A cooperação energética é estratégica para ambas as partes, já que, os EUA são os maiores consumidores de petróleo a nível mundial e precisam de diversificar as suas fontes de importação para não ficarem dependentes de regiões instáveis como o Médio Oriente ou a América do Sul. A Rússia, por seu lado, necessita de investimento estrangeiro para modernizar a sua tecnologia, para tirar mais rendimento dos seus recursos naturais e precisa, também, de mais financiamento para procurar recursos em zonas de alto risco, que estão ainda por explorar. Não esquecer que a Rússia tem um vasto território em zonas gélidas, daí existirem desafios ao nível do transporte e ao nível da capacidade de trabalho num clima muito frio. Mas, esta cooperação no sector da energia tem vindo a diminuir. As ameaças de corte de fornecimento de gás para a Ucrânia e para o resto da Europa, foram muito mal recebidas, quer pelos EUA, quer pela UE. Há quem defenda que a cooperação energética para os EUA é importante, mas não tanto: "With 5 percent of total world oil reserves, Russia is important but no more so than these other areas. Russia certainly cannot replace Saudi Arabia or other major producers in the Persian Gulf. With a reserve/production ratio of approximately 20 years, Russia cannot be compared to Persian Gulf producers with a ratio of 70, 80 or over 100 years. Russia is a price taker, not a price setter, in an energy market dominated by OPEC until a technological leap advances the world beyond the age of petroleum."(Chow, 2003: 34). Em relação à questão da

proliferação nuclear, a Rússia tem vindo a balancear as boas relações que tem com o regime do Irão, e as denúncias de Washington sobre o objectivo do Irão obter tecnologia para a criação de armas nucleares. Moscovo tem boas relações comerciais com Teerão e defende que vende um produto nuclear acabado, e portanto, não partilha tecnologia para o desenvolvimento nuclear do Irão. Também, a aproximação dos estados-vizinhos da Rússia ao Ocidente tem causado algum mal-estar entre a Rússia e os EUA. A Rússia tem uma grande influência na sua periferia, aspecto que não passa despercebido em Washington. O desagrado da Rússia em relação à NATO aumentou devido à incorporação na Aliança Atlântica de estados Bálticos que têm alguns problemas com Moscovo, especificamente, no tratamento de minorias étnicas russas. Para a Rússia, o apoio americano à "revolução Laranja" na Ucrânia não era só sobre a promoção de democracia, mas também, diminuir a influência da Rússia num estado vizinho. A defesa da democracia na política externa da administração Bush, é potencialmente entendida como propaganda anti-Rússia, e o alargamento da NATO para leste tem levado a uma reestruturação da estratégia nuclear da Rússia. Para o Kremlin, a parceria russo-americana não tem sido tão generosa para a Rússia, e, como consequência, Putin vai procurando outros parceiros estratégicos: "When I had the opportunity to meet with Mr. Putin and other leading figures in his administration at the Valdai Discussion Club meeting in September, the clear message was that unless the United States behaves like a genuine partner, Russia would accelerate its economic and security orientation eastwards to China." (Kuchins, 2006). Embora se possa conjecturar que a Rússia está a criar uma maior cooperação militar com a China, Pequim não parece estar ansioso para iniciar uma luta com Washington. Neste momento, a Organização para Cooperação de Xangai, que promove a cooperação entre China, a Rússia e alguns países da Ásia Central, é um visto como um clube de debate, e não uma verdadeira aliança de segurança.

Algo que pode ser considerado positivo para as relações russo-americanas é a possibilidade de a Rússia entrar para a Organização Mundial do Comércio (OMC) nestes próximos anos. Em Novembro de 2006, EUA e Rússia, assinaram um acordo bilateral que estabeleceu a redução das tarifas

de várias indústrias, num esforço para se diminuir as medidas proteccionistas nos mercados domésticos, sendo visto como um passo histórico que permitirá a integração total da Rússia na economia global. Segundo fontes oficiais russas, a Rússia poderá tornar-se membro total da OMC já em Janeiro de 2009 (WTO News, 2008). Espera-se que a presença como membro na OMC forneça um grande impulso para reformas no mercado russo, maior transparência, e estabilidade para promover o comércio e investimento.

Já em Fevereiro de 2007, Putin criticou o desejo monopolista de domínio do sistema internacional por parte dos EUA e o uso desmedido da força americana nas relações internacionais. Putin referiu também que Moscovo continuará a desenvolver um diálogo positivo na busca de parcerias com Washington, independentemente de quem ganhar as eleições presidenciais nos EUA. Alguns analistas defendem que uma larga parte da população russa já não preocupa se a Rússia está com boas ou más relações com o Ocidente, já que, existe um sentimento de humilhação pelas guerras nos Balcãs onde a Rússia foi ignorada, a expansão da NATO para a Europa de Leste, a retirada dos EUA do Tratado de Mísseis Antibalísticos, a invasão do Iraque que a Rússia se opôs, os planos de elaboração de elementos Defesa como mísseis nucleares na Europa de Leste, e as acusações do Ocidente sobre a Rússia, o seu regime e o seu potencial para ser um inimigo, e não, aliado. Em resposta aos planos de defesa anti-mísseis de Washington na Europa de Leste, a Rússia já ameaçou retirar-se do Tratado INF (Intermediate-Range Nuclear Forces Treaty), que prevê a destruição de mísseis nucleares, e em Julho de 2007, Moscovo decidiu suspender a sua participação no Tratado de Forças Convencionais na Europa (CFE). Apesar de estas posições de força do Kremlin, os analistas acreditam que não deverá ser do interesse da Rússia, ressuscitar uma corrida ao armamento, já que o orçamento da Defesa americano é o equivalente a 50% do PIB da Rússia.

Recentemente, notou-se um distanciamento entre Washington e o Kremlin, quando Bush e os dois candidatos presidenciais Democratas expressaram publicamente incerteza sobre o candidato a líder russo, Medvedev. Aliás, num recente debate presidencial, a candidata Hillary

Clinton, tropeçou ao tentar dizer o nome do novo presidente russo. Quanto a Bush, referiu que não sabe muito sobre Medvedev, e que será interessante de verificar, por exemplo, quem irá às reuniões do G8 em representação da Rússia.

Agenda EUA-Rússia: Kosovo

O Kosovo tem gerado algum conflito de ideias entre a Rússia e os EUA. Os EUA foram dos primeiros países a reconhecer a independência do Kosovo depois da separação unilateral da Sérvia, apesar da forte oposição da Rússia, que teme que a soberania kosovar desperte tensões separatistas no seu território e em outras regiões de Europa. O efeito de contágio é quase certo, segundo alguns analistas: "Kosovo's declaration of dependent independence is the least-worst way forward, but don't let us pretend that it's not a precedent. Both statements are true: Kosovo is unique, and there will be more Kosovos." (Ash, 2008). Rússia alega que a independência do Kosovo terá implicações para os "conflitos congelados" na Moldávia e no Cáucaso, daí, não reconhecer a independência do Kosovo. Os EUA argumentam que não existe qualquer ligação entre a independência do Kosovo e o futuro destes territórios. Este argumento não convence a Rússia, e o Kremlin já fez saber que continuará intransigente nesta questão, algo que para alguns analistas, tem como objectivo acrescido, causar divisões no Ocidente.

No início de 2008, a Rússia criticou a decisão de Bush de autorizar a venda de armas ao Kosovo, que na opinião dos oficiais russos, desestabilizará a situação nos Balcãs e em toda a Europa. Bush defende a sua decisão dizendo que isto aumentará a segurança dos EUA e promoverá a paz mundial, sendo que a acção americana é vista como legítima, segundo o plano de independência do Kosovo. A Rússia refuta os argumentos americanos e defende que ao fornecer armas ao governo do Kosovo, os EUA estão a armar antigos terroristas e, tal acto, irá fomentar a violência na região. Esta questão irá ser debatida na próxima reunião da Rússia e NATO, em Abril 2008, tal como o possível alargamento da NATO à Ucrânia e Geórgia.

Agenda EUA-Rússia: Irão

O impasse no Conselho de Segurança da ONU sobre o estatuto final do Kosovo simboliza que a Rússia acredita que não tem forçosamente de trabalhar de acordo com os EUA para definir a agenda global. Moscovo já não tem qualquer interesse em fazer pequenas modificações para uma política predeterminada, em larga parte, por Washington. Quem pode beneficiar desta nova percepção russa é o Irão. O "National Intelligence Estimate" de 2007 revelou que o programa nuclear iraniano está inactivo desde de 2003, mas Bush afirma que o Irão tem a infra-estrutura necessária para reiniciar o programa nuclear a qualquer momento, e que, portanto, tem de ser considerado uma ameaça. Os oficiais americanos tentam pressionar Moscovo, alegando que a Rússia deveria apoiar os EUA contra o Irão e contra o terrorismo islamista, já que, também os considera como ameaças. A Rússia, de facto, partilha uma preocupação com os EUA: o Irão não pode possuir armas nucleares. O problema é que a Rússia não vê a estrutura nuclear iraniana como ameaça, mas sim, como meio de produção legítima de energia. Apesar de não querer um Irão armado nuclearmente, a Rússia não sente urgência nesta matéria e está satisfeita com inspecções que garantam que a indústria nuclear iraniana está de acordo com os planos internacionais. Há fortes motivos económicos que orientam esta visão russa do Irão, já que Moscovo e Teerão controlam, em conjunto, cerca de 20% das reservas petrolíferas do mundo e perto de metade das reservas mundiais de gás, e portanto têm bastante influência nos mercados energéticos mundiais. Moscovo tem dado protecção diplomática ao Irão em relação ao tópico nuclear, e a venda de armas da Rússia pode ser considerada algo promíscua. Alguns analistas dizem que a Rússia afirma determinação em impedir que o Irão possua uma arma nuclear, mas parece mais interessada em negar uma vitória diplomática a Washington, e impedir a hegemonia americana no Médio Oriente. Não parece haver dúvida que a política externa da Rússia não tem estado em sintonia com a política externa dos EUA, no que se refere ao Irão. Se as relações piorarem, o Conselho de Segurança da ONU, devido ao veto da Rússia, pode não ser mais viável até ocasionalmente, seja para fornecer

legitimidade às acções militares americanas ou para impor sanções a estados considerados inimigos.

Apesar destas variadas tensões, a Rússia ainda não é vista como um adversário dos EUA. No entender de alguns analistas, ainda há uma hipótese de evitar a deterioração da relação EUA-Rússia. Tal cenário requer uma avaliação objectiva das intenções dos EUA e uma concentração nas áreas onde os interesses americanos e russos convergem, principalmente, na luta contra o terrorismo e na segurança nuclear global. Também será necessário que os EUA reconheçam que já não possuem um poder coercivo ilimitado sobre a Rússia e que, hoje em dia, Washington não pode forçar Moscovo, como fazia nos anos 90. É necessário, também, perceber que a imagem de superioridade moral dos EUA ficou danificada nos últimos anos devido às acções unilaterais da administração Bush. As acções dos EUA provocam desconfiança em cenários onde a Rússia não é o objecto da decisão americana, como o sistema anti-mísseis na Republica Checa e na Polónia. A Rússia tem fornecido armas convencionais para algumas nações inimigas dos EUA como o Irão, mas a Moscovo defende que tal é feito numa base comercial e dentro dos limites do direito internacional. Os EUA podem considerar isto como provocador, mas muitos russos considerariam o mesmo sobre o fornecimento americano de armas à Geórgia. Para alguns autores, Putin e os seus conselheiros sabem que os EUA são a nação mais poderosa do mundo e que uma atitude provocativa faria pouco sentido. Mas certo é que, Putin não está disposto a ajustar o seu comportamento para agradar às preferências dos EUA, especialmente em detrimento dos seus próprios interesses, e tal, tem de ser entendido por Washington: "Working constructively with Russia does not mean nominating Putin for the Nobel Peace Prize or inviting him to address a joint session of Congress." (Simes, 2007).

4. Conclusão

Inquestionavelmente, boas relações entre os líderes da Rússia e dos EUA são as que devem existir e as que se devem fomentar no sistema internacional. As consequências da cooperação entre dois grandes países

poderão ser extremamente positivas para o resto do globo. Os apoios do governo russo aos EUA no 11 de Setembro de 2001 foram extremamente úteis e talvez este tipo de comportamento possa ser a referência, ou padrão, para os futuros líderes de cada nação: uma mudança acentuada da hostilidade da Guerra-Fria para a cooperação na segurança global e no progresso económico e social.

Nos últimos anos, a relação EUA-Rússia tem vindo a ter alguns pontos de fricção que estragaram o bom momento vivido após os ataques terroristas em Nova Iorque e Washington. Assiste-se a um jogo diplomático de acções e repostas a essas acções para se tentar achar um limite de espaço de manobra dentro dum padrão de relações pacíficas e minimamente cooperativas e amigáveis. Os recentes líderes desta relação bilateral, Bush e Putin, fazem o seu trabalho de discurso para "dentro", isto é, para o âmbito doméstico, de uma força assertiva e poderosa, e também, o trabalho de diálogo com o exterior, de uma forma minimamente diplomática, mas sempre com os interesses estratégicos em mente. Uma época caracterizada por um forte unilateralismo americano no sistema internacional que influenciou a relação com a Rússia, tendo como exemplo o caso do Iraque. Por conseguinte, o Irão também é um tema problemático, mas onde ambas administrações procuram activamente chegar a um ponto de convergência, visto que se está a lidar com proliferação nuclear, um tópico bastante familiar para as duas potências. O Kosovo também tem estado nas notícias dos últimos anos da relação EUA-Rússia, principalmente porque são dois grandes países, cada um com opinião oposta na questão da independência kosovar. Os EUA tem a sua intervenção militar na década de 90 a defender, e a Rússia tem a sua nova afirmação no sistema internacional a defender. Um impasse que pode ser minimizado se ambas as partes seguirem o caminho do multilateralismo, mas também um impasse que pode ser a ponta de um icebergue de uma crise no sistema internacional. As relações comerciais e a luta contra o terrorismo parecem ser, actualmente, a base, relativamente estável, de uma relação que se pode adjectivar de positiva, de diálogo, com, ainda assim, elementos de desconfiança mútua. É ponto assente que a Rússia e os EUA são aliados no que se refere ao terrorismo, e é de prever que a troca de informações

continuará em grande número, enquanto grupos como a Al-Qaeda continuarem a existir. Também, a abertura comercial da Rússia é, e será, um factor de ligação cada vez mais consistente entre os dois países. Há bastantes interesses económicos na Rússia para os EUA, e Moscovo admite que necessita de investimento para o desenvolvimento da tecnologia e modernização dos seus sectores de actividade.

Há quem afirme que o sistema internacional pode estar a dirigir-se para uma nova Guerra-fria, afirmação esta que pode ser discutível. Hoje, a Rússia não se envolve deliberadamente em conflitos e guerras. Intimida, sim, os seus países vizinhos, mas estas tentativas, muitas vezes, parecem ser um complexo de superioridade, e não, um desejo imperialista. A Rússia, ao contrário da União Soviética, não tenta propagar uma ideologia anti-ocidental (anti-EUA) em todo o mundo. Apesar das acusações de falta de pluralismo na eleições, e de falta de liberdade de expressão, a Rússia actual reclama ser uma democracia moderna, o que leva a crer que há um desejo em ser aceite no sistema internacional e no Ocidente. Alguns analistas aconselham Moscovo a fomentar a sua influência internacional de uma maneira legítima, e não, obstrutiva e provocativa. Os últimos anos demonstram que a Rússia, está confiante, e quer passar uma imagem de rigor e grandeza para o exterior, devido, talvez, à humilhação que os russos sentiram com a fragilidade da década de 90. Moscovo consegue cooperar, mas insiste, através de decisões firmes e categóricas, que os seus pontos de vista sejam tidos em conta: "If Russia is not heard this time, its desperation may turn into a conscientious effort to sabotage the United States' policies as a way to preserve a room to maneuver. As Max Weber said, "A nation forgives injury to its interests, but not injury to its honor."(Tsygankov, 2007). A Rússia, de uma maneira geral, considera-se um país civilizado ocidental que quer fazer parte de clubes internacionais, não só a ONU, mas também a OMC, o G8 e a OCDE. Os actuais pontos de fricção estão, em certa medida, a salvo de se tornarem motivos graves de intimidação bilateral, devido à proximidade histórica temporal da Guerra-Fria, um período que, em princípio, ninguém deseja que se repita. Em Washington, a actual convicção é de que a relação com a Rússia é extremamente complexa e trabalhosa, mas necessária e positiva. Como se

pôde verificar nos últimos anos, os próximos líderes de cada país, têm o poder e a palavra para levar a relação EUA-Rússia, no bom ou no mau caminho.

Bibliografia:

Goldman, Marshall I. (2004), "Putin And The Oligarchs", in *Foreign Affairs*, November/December, Vol.83, Nº6, em <http://www.foreignaffairs.org/20041101faessay83604/marshall-i-goldman/putin-and-the-oligarchs.html>

Simes, Dimitri K. (2007), "Losing Russia – The Costs Of Renewed Confrontation", in *Foreign Affairs*, November/December, Vol. 86, Nº6, em <http://www.foreignaffairs.org/20071101faessay86603/dimitri-k-simes/losing-russia.html>

Tymoshenko, Yuliya (2007), "Containing Russia", in *Foreign Affairs*, May/June, Vol. 86, Nº3, em <http://www.foreignaffairs.org/20070501faessay86307/yuliya-tymoshenko/containing-russia.html>.

Kuchins, Andrew (2006), "A Turning Point in US-Russian Relations?", in *Carnegie Endowment for International Peace*, Publications, em <http://www.carnegieendowment.org/publications/index.cfm?fa=view&id=18872&prog=zru>.

Task Force Members (2006), "Russia's Wrong Direction: What The United States Can And Should Do", in *Council of Foreign Relations*, em http://www.cfr.org/content/publications/attachments/Russia_TaskForce.pdf.

Chow, Edward C. (2003), "U.S.-Russia Energy Dialogue", in *Foreign Service Journal*, pp. 31-39, em <http://www.afsa.org/fsj/dec03/chow.pdf>.

Alexander Bessmertnykh, James Collins , Yuri Dubinin, Arthur Hartman, Victor Komplektov, Vladimir Lukin, Jack Matlock Jr., Thomas Pickering, Yuli Vorontsov (2007), "A New Century of U.S.-Russia Relations", in *Carnegie Endowment for International Peace*, Publications, em <http://www.carnegieendowment.org/publications/index.cfm?fa=view&id=19598>.

Tsygankov, Andrei (2007), "From Russia With No Love Left", in *Johnson's Russia List*, Center for Defense Information, em <http://www.cdi.org/russia/johnson/2007-264-34.cfm>.

CNN (2008), "Iran Receives Russian Nuclear Fuel", in *CNN World News*, em <http://edition.cnn.com/2008/WORLD/meast/01/18/russia.iran.ap/index.htm>

!

CNN (2008), "Putin: Russia Will Counter US Military Moves", in *CNN World News*, em <http://edition.cnn.com/2008/WORLD/europe/02/08/putin.russia/index.html>

New York Times (2007), "Rudeness, Realism and Rússia", in *New York Times Opinion*, Editorial, em <http://www.nytimes.com/2007/05/18/opinion/18fri2.html>

El Mundo (2008), "Rusia critica el suministro de armas de EEUU a Kosovo aprobado por Bush", in *El Mundo Internacional*, em <http://www.elmundo.es/elmundo/2008/03/20/internacional/1206042384.html>

Takeyh, Ray & Gvosdev, Nikolas (2008), "Russia goes its own way", in *International Herald Tribune Opinion*, em <http://www.iht.com/articles/2008/01/01/opinion/edtkeyh.php>

Jones, A. Elizabeth (2004), "U.S.-Russia Relations in Putin's Second Term", in *Bureau of European and Eurasian Affairs Remarks*, U.S. Department of State, em <http://www.state.gov/p/eur/rls/rm/30556.htm>

Kumar, Neal (2003), "US-Russia Relations After September 11, 2001", in *Vestnik, The Journal of Russian and Asian Studies*, Issue 2 - Summer, The School of Russian and Asian Studies, em <http://www.sras.org/us-russia-relations-after-september-11th-2001-a-game-theory-analysis>

World Trade Organization (2008) "Talks on Russia's WTO accession may be rounded off by summer 2008", in *Russia and the World Trade Organization News*, em http://www.wto.ru/en/news.asp?msg_id=22720

* Licenciado em RI pela Universidade do Minho. Estudante do Mestrado em RI na mesma Universidade.